

AS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO DA PANDEMIA DE COVID-19, UM ESTUDO DE CAMPO

Relations between science and religion in Brazilian context of covid-19, a field study

Paulo Henrique Lopes¹

Resumo: Esta pesquisa de campo teve como objetivo mergulhar na polêmica entre Ciência e Religião no contexto brasileiro da pandemia de COVID-19, para além do posicionamento de autoridades científicas e lideranças religiosas que estamparam os jornais. Ouvidas 570 pessoas, os resultados indicam uma dissintonia entre os pronunciamentos de algumas lideranças religiosas, contrárias à quarentena, e a opinião dos seus próprios fiéis que, por sua vez, tendem a seguir as recomendações científicas quanto ao isolamento social. Esta conclusão desconstrói um preconceito ideológico dos participantes não-religiosos para com os religiosos, tidos como menos esclarecidos cientificamente por aqueles. A análise qualitativa das relações que a ciência e a religião assumem para a população brasileira no início da pandemia de COVID-19, valeu-se, principalmente, da aplicação da tipologia quádrupla de Barbour: *Conflito, Independência, Integração e Diálogo*.

Palavras-chave: ciência e religião; estudo de campo; tipologia quádrupla; pandemia de COVID-19.

Abstract: This field study aimed to delve into the controversy between Science and Religion in the Brazilian context of the COVID-19 pandemic, in addition to the position of scientific authorities and religious leaders. After hearing 570 people, we found a strong disagreement between the pronouncements of some religious leaders who were against quarantine and the opinion of their religious community, who, in this matter, preferred to follow the scientific recommendations instead of their religious leaders. This conclusion deconstructs

¹ Mestre em Ciência da Religião pelo PPCIR - UFJF. Doutorando em Ciência da Religião pelo PPCIR - UFJF. <https://orcid.org/0000-0003-0859-0634>, peagalopes@outlook.com

an ideological prejudice of non-religious participants towards religious participants who are considered by those as ignorant or less scientifically enlightened. For the qualitative analysis of the relationships that science and religion can assume for Brazilians in the pandemic context, we applied Barbour's quadruple typology: *Conflict*, *Independence*, *Integration*, and *Dialogue*.

Keywords: science and religion; field study; quadruple typology; COVID-19 pandemic.

Introdução

No dia em que este artigo é aprovado (26 de maio de 2021), o Brasil acumula 16.274.695 casos de infecção por COVID-19, e um total alarmante de 454.429 óbitos decorridos pela doença. Esse cenário é muito mais grave do que aquele em que a presente pesquisa de campo começa a ser realizada, no dia 30 de março de 2020, momento em que as primeiras medidas públicas de contenção da pandemia começaram a ser discutidas por todos os setores da sociedade brasileira. Na ocasião, o número de casos totalizava 4.579, com um total 159 óbitos acumulados. Em pouco mais de um mês, período em que o nosso formulário de pesquisa esteve disponível para a ampla participação pública, o total de casos subiu para 271.628, com 17.971 óbitos no dia 19 de maio de 2020. Neste dia, o Brasil se colocava como o terceiro país com maior número de casos confirmados da doença no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos da América e da Rússia.

A evolução exponencial de infectados no Brasil indica o contexto em que nossa discussão se insere: junto com explosão dos casos, aumentou também a pressão por ações sanitárias imediatas para a diminuição da curva de contaminação. Visto que o modo de contágio se dá principalmente por contato direto, o isolamento social se mostrou a medida mais eficaz para a contenção da doença, em um momento em que a vacina ainda não havia sido descoberta. A eficácia da quarentena foi comprovada por pesquisas científicas realizadas já no começo do surto de Sars-Cov-2 em Wuhan, na China, (Cf. LI et al, 2020; KOO et al, 2020) e se confirma ao longo de toda a cadeia de contágio mundial. Pascarella et al (2000) realizou uma densa revisão sobre a eficiência dos mais variados métodos de combate à pandemia, considerando grande parte da literatura científica produzida sobre os diversos tratamentos com drogas antivirais e terapias respiratórias, concluindo que, de todos eles – excetuando-se a vacina que ainda não havia sido descoberta na época do seu estudo – a quarentena é a única medida que se revelou efetiva para a diminuição da curva de contágio até então.

Uma nova realidade foi posta pela maior crise de saúde mundial da história recente, transpassando todos os setores vida pública e, por isso, suscitando todo um debate acerca de quem ditaria os critérios para a regulamentação das novas dinâmicas socioeconômicas e, por que não, veremos, religiosas e espirituais, impostas pela quarentena.

Enquanto a Organização Mundial da Saúde (WHO) sempre se ateve aos resultados científicos para emitir diretrizes internacionais, levantaram-se contra a implementação da quarentena, discursos advindos de todas as esferas da sociedade que seriam afetadas pela brusca interrupção das suas atividades. Dentre eles, tivemos a minimização da gravidade da situação de saúde pelo discurso necropolítico do presidente Jair Bolsonaro (ROCHA, 2020), e a pressão pela retomada da economia por parte de empresários e trabalhadores. Transversalmente, o discurso religioso não deixou de se posicionar ativamente sobre a situação, inserindo-se fortemente no debate, como veremos a seguir.

Os cultos e rituais religiosos geralmente são momentos de concentração de muitas pessoas. Este potencial de aglomeração faz com que os locais religiosos sejam considerados como focos de contágio. Diante do possível risco à saúde dos fiéis, grande parte das lideranças religiosas acataram as recomendações científicas dos órgãos competentes da saúde e reduziram, suspenderam ou até mesmo encerraram as suas atividades. No entanto, outra parcela das lideranças religiosas insistiu na manutenção de suas práticas presenciais normalmente. Quando obrigadas a fecharem suas portas por meio de decretos oficiais emitidos principalmente pelos municípios (dado o desacato da presidência da república), tais líderes religiosos começaram a pressionar o poder público para a derrubada destes decretos de interdição.

Logo no início da quarentena, em 17 de março, a BBC (MACHADO, 2020) publicou uma matéria que resume o posicionamento de diferentes lideranças religiosas sobre a restrição de suas atividades. O pastor batista Levi Araújo acatou a suspensão dos cultos para garantir a proteção da saúde dos fiéis, assim como o xeique Mohamed al Bukai, que cancelou imediatamente as práticas da Mesquita Brasil com o agravamento da pandemia. Algumas sinagogas imediatamente fecharam suas portas, segundo a Federação Israelita de São Paulo. O sacerdote Pai Engels de Xangô, dirigente do templo Amor e Caridade Caboclo Pena Verde, também constatou um encerramento das atividades nos principais terreiros de umbanda.

Por outro lado, a Igreja de Jesus de Shinchonji chegou a omitir das autoridades nomes de fiéis infectados que frequentaram o local, a fim de continuar as suas atividades. A Vitória em Cristo, pelo pastor Silas Malafaia, disse que não fecharia as portas da igreja por causa

da pandemia. O missionário R. R. Soares, da Graça de Deus, afirmou que a população não precisava temer o coronavírus, e o pastor Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, aconselhou os fiéis a não acompanharem os noticiários (MACHADO, 2020).

O principal argumento destas últimas lideranças é o de que a prática religiosa se configura como um *serviço essencial* à sociedade, assim como os serviços de saúde e os de abastecimento de bens básicos, por exemplo. Por meio de um decreto emitido no dia 26 de março pelo presidente Jair Bolsonaro, os locais de cultos religiosos (e lotéricas) foram enquadrados oficialmente como serviço essencial, mas o Supremo Tribunal Federal (NÉRI, 2020), deu autonomia para os Estados e municípios para aplicação do decreto. A pressão por parte de algumas lideranças religiosas em resposta a essa autonomia foi tamanha que um projeto de Lei (2788/20) chegou a ser proposto na Câmara dos Deputados para a proibição de decretos locais que preveriam “o fechamento total de templos, igrejas e outros locais destinados a cultos religiosos mesmo durante períodos de calamidade pública.” Também defendendo a prática religiosa como um serviço essencial, o deputado autor do projeto ainda indicou que “os momentos de calamidade são justamente aqueles em que ‘a sanidade espiritual e mental do crente mais se apoia no conforto da religião’”, ressaltando que o Estado não pode impedir o “livre exercício dos cultos religiosos,” cabendo-lhe o reconhecimento de “limites mínimos para a interferência nas crenças e práticas religiosas.”²

Com a discussão sobre a legitimidade do isolamento social, e quais critérios devem ter um maior peso para a implementação da quarentena, a pandemia se tornou um campo de inter cruzamento e disputa de interesses econômicos, políticos, científicos e religiosos. Nesse contexto, o presente artigo focará nas relações entre as duas últimas categorias para buscar contribuir para o debate e para o melhor entendimento deste cenário, a partir da Ciência da Religião.

Uma das possíveis abordagens seria o da análise do pronunciamento e posicionamento das autoridades científicas e lideranças religiosas como já começamos por indicar. Para essa via de estudo, poderíamos recorrer, por exemplo, ao levantamento realizado pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças norte-americano (CDC, 2000),

2 “Projeto impede fechamento total de locais de culto mesmo durante pandemia”. *Agência Câmara de Notícias*. 26/05/2020. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/664479-projeto-impede-fechamento-total-de-locais-de-culto-mesmo-durante-pandemia/>. Acesso em: 23/07/2020.

que demonstrou, em pesquisa, o alto risco de contágio em ambientes religiosos fechados. Em um culto de uma pequena igreja da zona rural do estado do Arkansas, nos Estados Unidos, pelo menos 38% dos fiéis foram contaminados. A partir deste relatório do CDC, o infectologista, Alexandre Cunha, que atua nos Hospitais Brasília e Sírio Libanês, e no Laboratório Sabin, comentou o caso em entrevista para o Correio Braziliense projetando o risco de contágio para uma escala maior:

Vale destacar aqui que o vírus não se importa pelo motivo pelo qual as pessoas estão reunidas, se é lazer, esporte ou religião. É compreensível que as razões pelas quais as pessoas procuram eventos religiosos nessa época são de caráter íntimo e devem ser respeitados. Mas a questão da saúde pública deve vir sempre em primeiro lugar. (FERNANDES, 2020)

Em contrapartida, poderíamos tomar o exemplo do padre da paróquia São João Batista em Visconde do Rio Branco (MG) que chegou a desejar a morte dos fiéis que optaram por voltarem a ir à igreja somente quando houver vacina para o novo coronavírus (ISTOÉ, 2020).

Vemos, aqui, um exemplo claro de embate entre de autoridades científicas e lideranças religiosas, cada qual reclamando a sua autonomia para a adoção de medidas em meio à pandemia. O estudo de tais discursos é de suma importância para o entendimento das tensões entre ciência e religião que se desenrolam no campo brasileiro. Silveira (2020), por exemplo, realiza uma pesquisa interessante que se ocupa do posicionamento de lideranças católicas em relação à pandemia, indicando aspectos políticos e religiosos do que chamou de “CATHOLICOVID-19”.

Ainda que essa abordagem focando nos pronunciamentos seja fundamental, a via que a presente pesquisa assume estabelece uma relação complementar ao artigo de Silveira (2020), no tocante ao recorte metodológico. Pois se o seu estudo se ocupa do estrato do posicionamento das lideranças religiosas e autoridades científicas, a nossa abordagem está interessada nos discursos dos seguidores dessas lideranças, estendendo-se, inclusive, para a população não-religiosa ou atea. Nosso objetivo foi o de averiguar até que ponto os participantes da pesquisa concordam ou não com as suas respectivas lideranças (se for o caso de terem alguma) quando o assunto é a manutenção das

atividades religiosas em meio à pandemia de COVID-19. Ora, se o padre chegou a desejar a morte dos que não estavam indo à missa por causa da quarentena, isso é sinal de que os seus fiéis estavam seguindo as recomendações científicas em detrimento das religiosas – esta é a nossa questão. Em outras palavras, as perguntas que se colocam para nós são: tomando os exemplos indicados anteriormente, quem garante que o discurso do padre da paróquia São João Batista representa, efetivamente, o posicionamento dos fiéis desta mesma paróquia que, por sua vez, parecem se alinhar muito mais a discursos como o do infectologista Alexandre Cunha? Por mais que o padre convoque os fiéis à missa, quem garante que os fiéis não virão a utilizar o discurso científico da OMS para decidirem se comparecerão ou não? Segundo pesquisa quantitativa do Datafolha, publicada na Folha de SP (GIELOW, 2020), 82% dos entrevistados concordam ser necessário suspender cultos e missas para prevenir o contágio por COVID-19, mostrando que “a posição de lideranças [religiosas] contra o isolamento não reflete o posicionamento do conjunto das igrejas ou dos fiéis” (BANDEIRA E CARRANZA, 2020).

Mas o contrário também é verdadeiro. Ainda que seja posição de uma minoria (GIELOW, 2020), a questão de saúde pública e o critério científico podem ser relegados ao segundo plano para a tomada de ação que privilegie a continuidade das práticas religiosas públicas.

Podemos ver a teia de relações, harmônicas ou não, que a ciência e a religião estabelecem entre si no palco social. Nesse sentido, o presente artigo objetiva iluminar as subcamadas dessas relações ao deslocar o enfoque dos pronunciamentos oficiais das autoridades científicas e das lideranças religiosas, ocupando-se, agora, da relação que os discursos científico e religioso estabelecem entre si pelos cidadãos, ou seja, para além de seus porta-vozes.

É pelo segundo caminho que a presente pesquisa seguirá ao realizar um estudo de campo cuja metodologia e resultados serão apresentados na seção seguinte. A análise qualitativa destes dados se dará com base no livro *Quando a ciência encontra a religião*, de Ian G. Barbour (2000), referência para o estudo das possíveis relações entre ciência e religião. Barbour (2000) elabora uma tipologia quádrupla, propondo as categorias que dão nome às quatro seções de discussão do presente artigo – Conflito, Independência, Diálogo

e Integração.

A relevância deste estudo em Ciência da Religião aplicada se dá pela convocação dos pares a uma inserção ativa ao estudo empírico do fenômeno religioso em nossa sociedade, mas, sobretudo, pela contribuição que provê para o entendimento das relações que a ciência e a religião assumem especificamente no Brasil no contexto da pandemia de COVID-19.

1 Metodologia e resultados

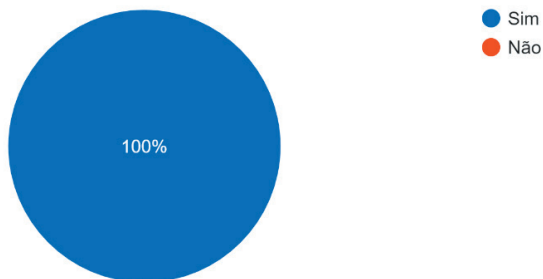
Em meio à polêmica suscitada pela adoção de medidas de prevenção e de contenção da pandemia de COVID-19, e de acordo com os objetivos indicados, a presente pesquisa de campo se deu por meio da divulgação de um formulário *online* pela plataforma *Google Forms*, cuja estrutura pode ser conferida integralmente no Anexo I do presente artigo.

O formulário, totalmente anônimo e aberto a livre e espontânea participação da população, começou a ser divulgado no dia 30 de março de 2020, por meio dos perfis da *Ágora do Porvir*, no *Facebook* e *Instagram*. A *Ágora do Porvir* se propõe como um espaço autônomo de divulgação e promoção do conhecimento acadêmico das ciências humanas, consolidando-se com uma praça pública contemporânea que, afinal, é virtual. O formulário também foi divulgado na forma de comentários nas publicações das páginas de grandes jornais, como *Estado de SP* e *G1*, em que se desenrolava uma grande discussão entre os seguidores. Além disso, o próprio pesquisador encaminhou os formulários por *Whatsapp*, convidando os seus contatos a compartilharem a pesquisa com quem pudesse se interessar. Dessa forma, buscou-se ampliar e diversificar o espaço amostral ao máximo, de modo a alcançar um grupo heterogêneo e despersonalizado de participantes. Depois de um pouco mais de um mês de circulação, o formulário foi encerrado no dia 19 de maio de 2020, contabilizando 570 respostas que se caracterizam da seguinte maneira (seções 1 e 2):

Figura 1. Gráficos com as respostas das Seções 1 e 2 do questionário.

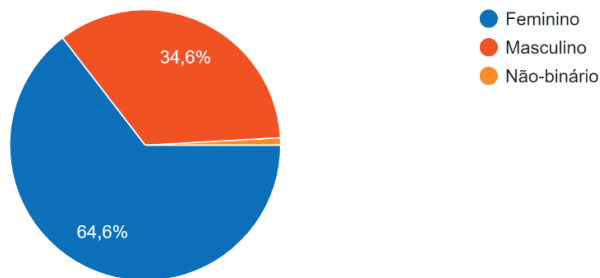
Você aceita participar desta pesquisa?

570 respostas



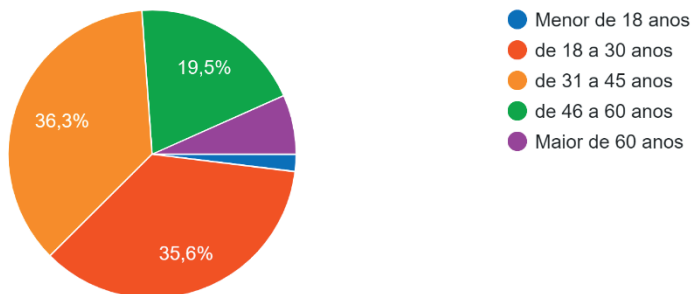
Qual a sua identidade de gênero?

570 respostas



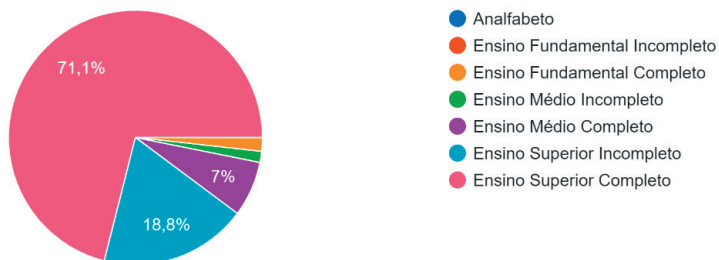
Qual é a sua idade?

570 respostas



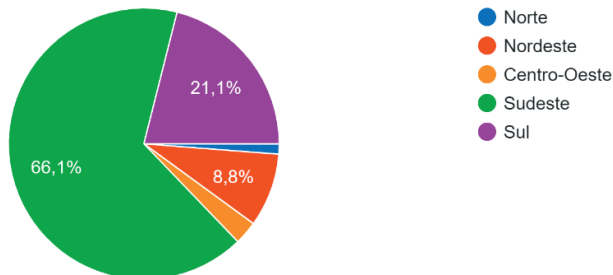
Qual a sua escolaridade?

570 respostas



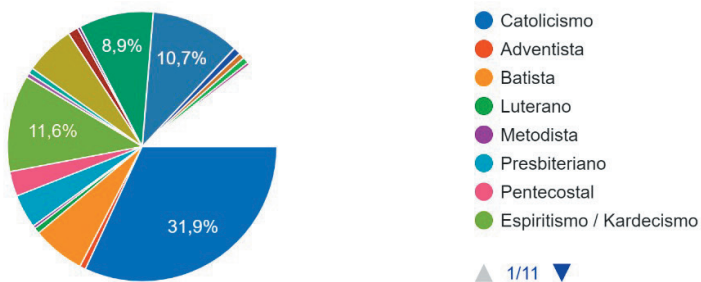
Em qual região do Brasil você mora?

570 respostas



Qual a sua principal religião?

570 respostas

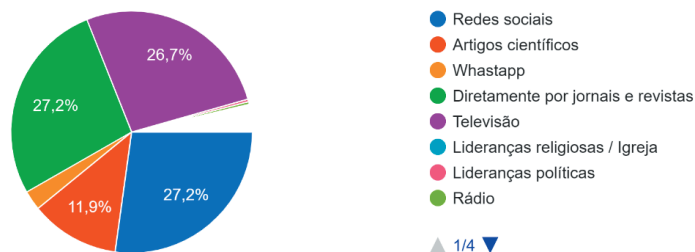


Dada a caracterização do grupo amostral, a seção 3 do questionário esteve preocupada em traçar o comportamento dos participantes no contexto da pandemia, no tocante às suas fontes de informação, suas preocupações e expectativas, e a sua postura quanto à quarentena:

Figura 2. Gráficos com as respostas da Seção 3 do questionário.

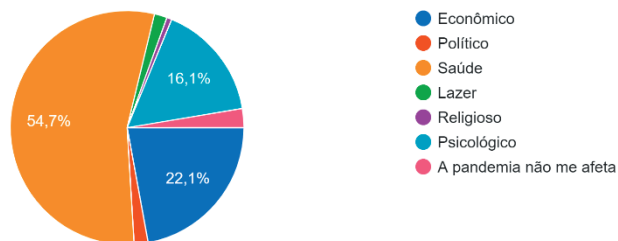
Qual é o seu principal meio de informação a respeito da atual pandemia de Coronavírus (COVID-19)?

570 respostas



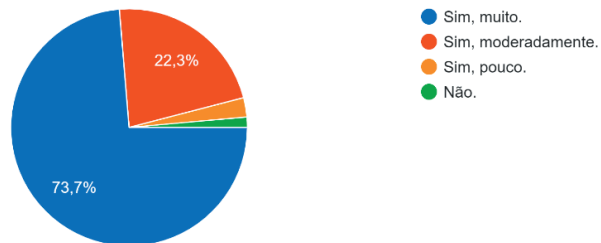
Qual dos seguintes aspectos da sua vida você mais teme que seja prejudicado pela pandemia de Coronavírus (COVID-19) :

570 respostas



Você está seguindo as medidas de isolamento social / quarentena como meio de contenção da pandemia de Coronavírus (COVID-19)?

570 respostas

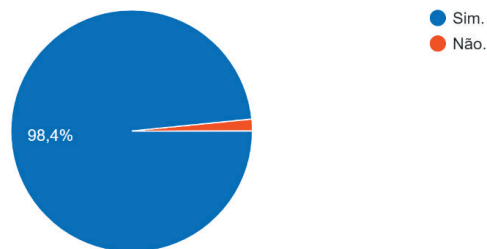


A seção 4 buscou saber quais são as representações que a ciência e a religião assumem no contexto da pandemia, quais são os papéis seus discursos adquirem, e como se dá a relação entre esses discursos para o participante:

Figura 3. Gráficos com as respostas da Seção 4 do questionário.

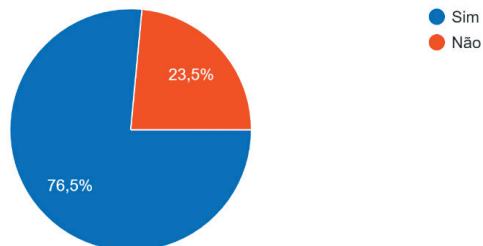
Você acha que os cultos, rituais e/ou encontros religiosos em grupos presenciais devem ser suspensos como medida de contenção da pandemia de Coronavírus (COVID-19)?

570 respostas



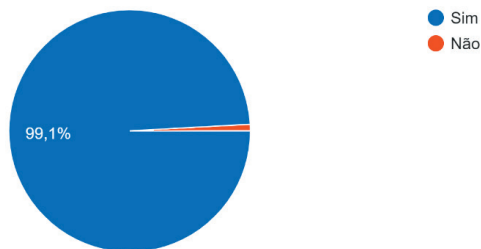
A sua religião/espiritualidade pode te ajudar em meio à pandemia de Coronavírus (COVID-19)?

570 respostas



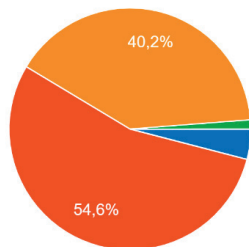
A ciência pode te ajudar em meio à pandemia de Coronavírus (COVID-19)?

570 respostas



No contexto da pandemia, suponhamos que a sua liderança religiosa/espiritual estimule alguma prática que vá contra aquelas recomendadas pela ciência. Você:

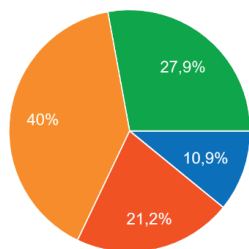
570 respostas



- Segue a liderança religiosa.
- Segue a ciência.
- Não tem liderança religiosa/espiritual, mas segue as recomendações científicas.
- Não tem liderança religiosa/espiritual, e não segue as recomendações científicas.

Você acha que a Ciência e a Religião estabelecem, entre si, uma relação de:

570 respostas



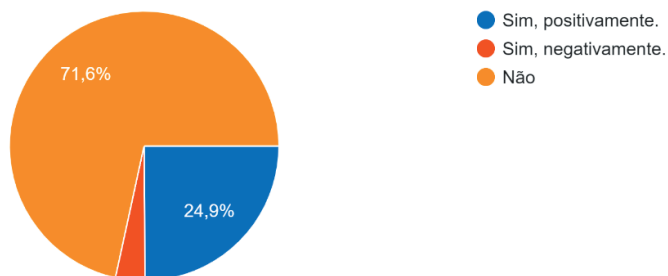
- Conflito (uma exclui a outra)
- Independência (não se excluem, mas uma não contribui para a outra)
- Diálogo (não se incluem, mas uma contribui para a outra)
- Integração (uma inclui a outra)

Na seção 5, buscamos detalhar a dinâmica que religião e ciência adquirem no contexto da pandemia para os participantes. Se os discursos científicos e religiosos são reforçados, ressignificados ou descartados pelo participante:

Figura 4. Gráficos com as respostas da Seção 5 do questionário.

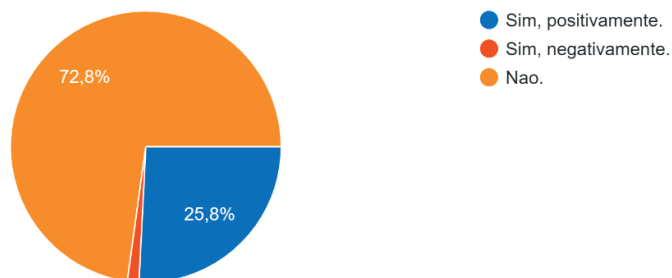
A presente pandemia de Coronavírus (COVID-19) alterou a sua relação com a religião/espiritualidade?

570 respostas



A presente pandemia de Coronavírus (COVID-19) alterou a sua relação com a ciência?

570 respostas

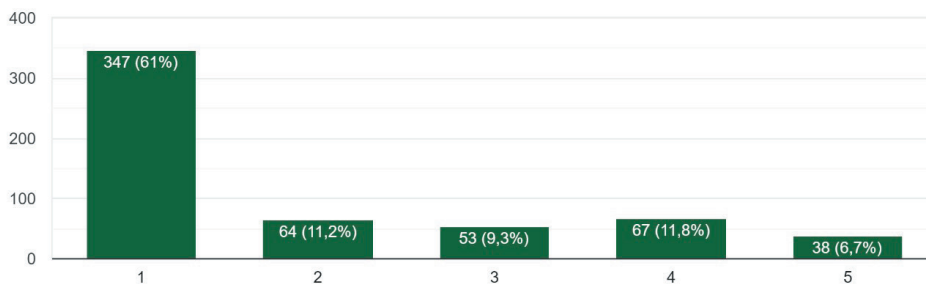


Enfim, a seção 6 serviu como baliza das questões realizadas nas seções anteriores e para o aprofundamento das respostas obtidas até esta altura ao solicitar que o participante reagisse a determinadas afirmações, seguindo uma escala de 1 a 5 (na qual 1 é "discordo fortemente", 3 é neutro, e 5, "concordo fortemente")

Figura 5. Gráficos com as respostas da Seção 6 do questionário.

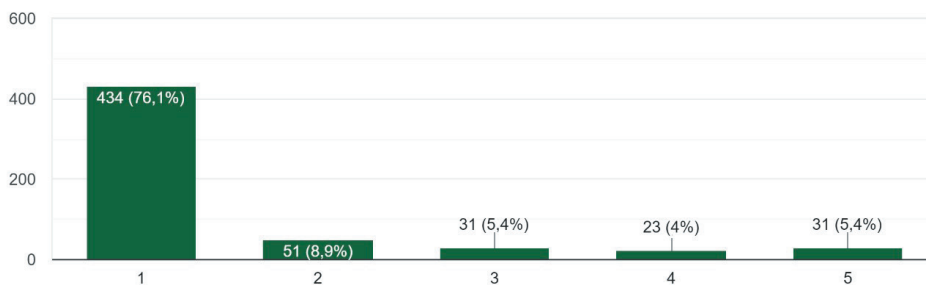
A atual pandemia de Coronavírus (COVID-19) é causada por algum fator divino/espiritual.

569 respostas



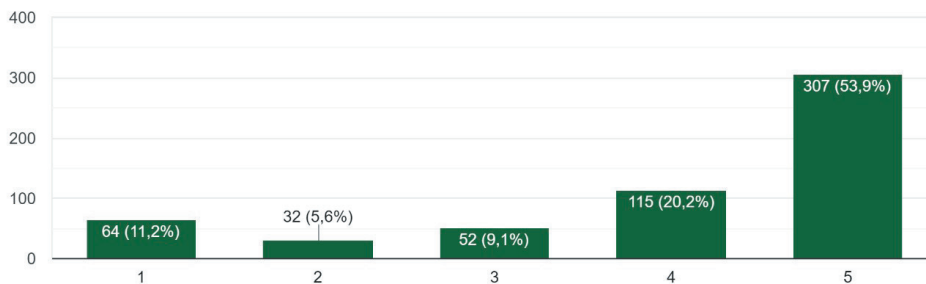
No contexto da pandemia, as lideranças religiosas/espirituais DEVEM interferir em decisões de saúde pública tomadas com base em resultados científicos e que vão contra a sua fé.

570 respostas



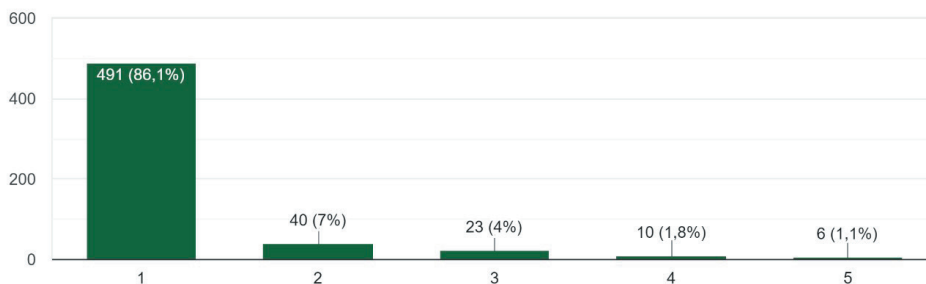
No contexto da pandemia, os cientistas DEVEM interferir em decisões tomadas pelas lideranças religiosas/espirituais que se baseiem na própria fé e que vão contra o resultados científicos.

570 respostas



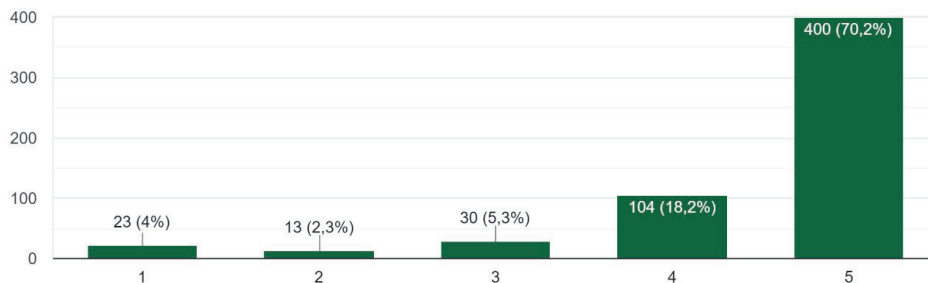
No contexto do combate à atual pandemia, a religião deve ser a autoridade máxima no assunto.

570 respostas



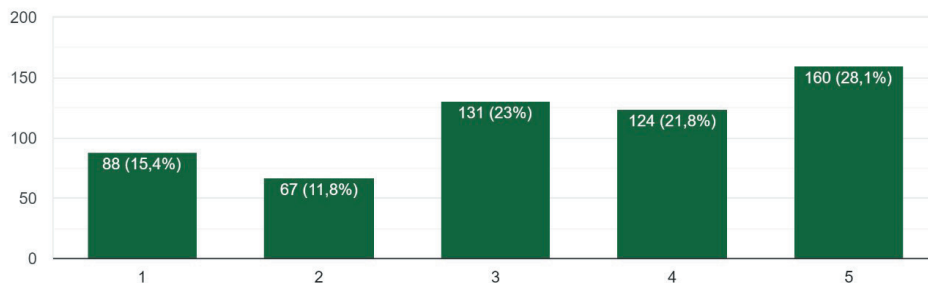
No contexto do combate à atual pandemia, a ciência deve ser a autoridade máxima no assunto.

570 respostas



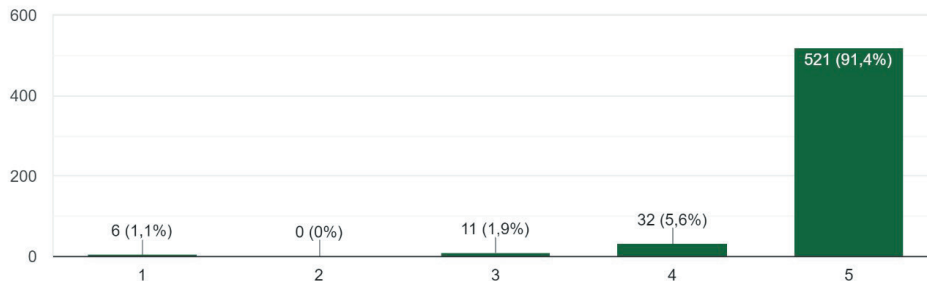
A religião desempenha um papel importante no combate à pandemia de Coronavírus (COVID-19)

570 respostas



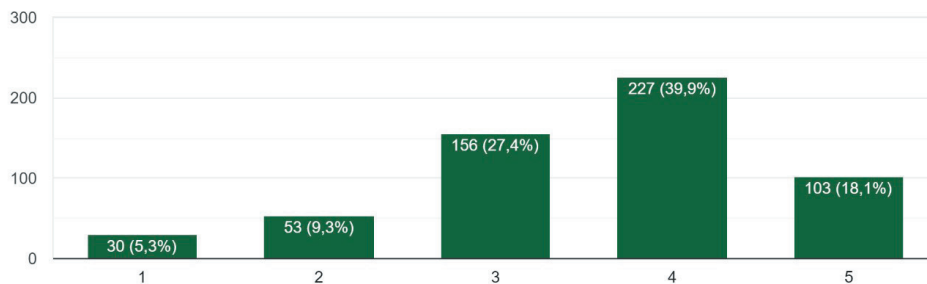
A ciência desempenha um papel importante no combate à pandemia de Coronavírus (COVID-19)

570 respostas



De um modo geral, esta pandemia de Coronavírus tem suscitado entre as pessoas um comportamento mais solidário do que egoísta.

569 respostas



2 Delimitação conceitual e tratamento dos dados

Em um primeiro momento, é muito importante que se enfatize que os dados coletados pela pesquisa de campo não são suficientes para servirem como um parâmetro para análise *quantitativa* a nível nacional por carecerem de um tratamento estatístico aprofundado. Qualquer generalização desse tipo poderia incorrer na desconsideração da margem de erro inerente à sua aplicação virtual, por exemplo. O texto de Marcelo Camurça (2011), *A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000*, ilustra bem o que queremos dizer com análise *quantitativa*.

Um levantamento puramente quantitativo jamais foi o objetivo da presente pesquisa, mas sim, um tratamento *qualitativo* desses números, associando o perfil dos formulários com as respostas discursivas fornecidas por este grupo amostral. Para além das porcentagens obtidas pelos resultados, devemos considerar com grande peso os discursos que remontam a cada formulário específico. Eis, portanto, a grande relevância do estudo: identificar a ocorrência de discursos no tocante ao tema e analisar como eles se relacionam, partindo da escala individual. Naturalmente, as perguntas discursivas serão aquelas que terão o maior peso da discussão, estabelecendo articulações entre os referenciais bibliográficos e a pesquisa empírica. Para tal propósito, o total de 570 participantes representam um espaço amostral enorme.

Para a análise *qualitativa* dos formulários submetidos, tomamos a pergunta “Você acha que a Ciência e a Religião estabelecem entre si uma relação de:”, da seção 4, como o mote para discutir as quatro relações propostas por Barbour (2000): Conflito, Independência, Integração e Diálogo.

Embora seja uma das mais utilizadas para os estudos das relações entre religião e ciência, estamos cientes de que a tipologia quádrupla de Barbour (2000) é passível de críticas. Uma delas é tecida por Stenmark (2004), em seu livro *How to relate Science and Religion*. Nele, o autor indica que a tipologia quádrupla de Barbour, ao invés de esclarecer as distinções que caracterizam as diferentes relações entre religião e ciência, na verdade, promove uma mistura e um apagamento de suas dinâmicas, uma vez que tais relações nem sequer obedeceriam ao mesmo esquema lógico que seria necessário para uma possível comparação tipológica. Diante disso, Stenmark (2004) propõe uma tipologia

alternativa composta por três modelos: Independência (religião e ciência estão em âmbitos completamente distintos), Contato (elas estão em conflito ou harmonia) e Monista (operam em âmbitos comuns).

Citamos a tipologia de Stenmark (2004) apenas para indicar ao leitor que a de Barbour (2000) não é a única que se ocupa da questão. Apesar das discussões entre a eficiência ou não das tipologias, reconhecemos que a tipologia de Barbour (2000) é suficiente enquanto base analítica para os objetivos do presente artigo que, por sua vez, não busca entrar nas questões epistemológicas do debate. A tipologia quádrupla de Barbour (2000) nos mune de instrumentos para abordagem das dinâmicas que assumem as representações que a religião e a ciência adquirem a nível sociológico, inclusive.

Ao final da discussão dos resultados, esperamos ter contribuído para um maior entendimento sobre o tema no contexto específico da pandemia no Brasil e, também, para como podem se comportar, por meio do estudo de campo, as múltiplas camadas do fenômeno religioso entre os próprios indivíduos religiosos e entre os que se dizem ateus e não-religiosos, apesar dos pronunciamentos de autoridades científicas ou lideranças religiosas.

Vale ressaltar, ainda, que é preciso estarmos atentos a alguns pontos importantes do estudo da relação entre religião e ciência em específico, e esses pontos devem nos acompanhar ao longo de toda a discussão que se sucederá.

Um deles é o fato da constituição histórico-cultural dos conceitos. “Religião” e “ciência” são termos não estão consolidados antes dos séculos XVII e XIX, respectivamente. Harisson (2007) nos chama a atenção de que, até então, não poderíamos falar de uma relação entre “ciência” (e seu método disciplinar) e “religião” (conjunto de práticas ligadas por um corpo de crença), porque elas “não eram entidades independentes que podiam sustentar alguma relação positiva ou negativa entre si”, (HARISSON, 2007, p. 6). “Tentar identificar tais conexões é projetar para o passado um conjunto de preocupações que são tipicamente

de nossa própria época” (HARRISSON, 2007, p. 6).³

Reconhecer o modo com que estes termos se autonomizaram é entender melhor, não apenas os processos epistemológicos inerente a essa distinção em si, mas, sobretudo, os fundamentos discursivos da nossa própria sociedade ocidental. Se a distinção entre “religião” e “ciência” se consolida *na* modernidade, esta relação pode ser vista como um dos fatores que consolidam a sociedade moderna.

Nessa altura, Alister McGrath (2005), em seu *Fundamentos do Diálogo entre ciência e religião*, nos indica outros pontos aos quais devemos estar atentos no tocante à complexidade do estudo dessa relação, agora, na contemporaneidade. Segundo o autor, precisamos, primeiramente, (i) tentar fugir da tendência de pressupor “a existência de certa entidade uniforme chamada ‘ciência’, quando na verdade existem inúmeras disciplinas científicas, cada qual com sua esfera própria de estudo e seus métodos correspondentes de pesquisa” (McGRATH, 2005, p. 43-44). A biologia e a física, por exemplo, podem implicar em diferentes relações com a religião. Por outro lado, assim como o termo “ciência,” (ii) temos que entender que o termo “religião” não “pode ser facilmente definido e [não] corresponde a um fenômeno homogêneo,” de modo que não podemos pressupor que “o cristianismo, o islamismo ou o hinduísmo mantenham o mesmo tipo de relação com a biologia ou a física,” por exemplo (McGRATH, 2005, p. 43-44). Enfim, temos que (iii) reconhecer a diversidade interna de cada termo, ou seja, que “mesmo no interior da mesma religião aparecem diferenças de opinião” (McGRATH, 2005, p. 43-44).

Sobre todos estes pontos, o terceiro aspecto talvez seja o mais importante para a nossa pesquisa porque estas diferenças internas pressupõem que os indivíduos religiosos possam formular opiniões autônomas sobre a própria religiosidade, a despeito dos

3 Peter Harrison (2007, p. 5) traz uma discussão deste histórico, recorrendo a exemplos de naturalistas, astrônomos e físicos, como Kepler e Boyle, para indicar que a filosofia natural e a histórica natural, não só eram “buscadas por motivos religiosos”, como “baseavam-se em pressupostos religiosos”. Antes disso, Charles Taylor (2013) expõe, inclusive, a interdependência da revolução científica e da reforma protestante, por exemplo, cujas representações do mundo convergiam para a sua instrumentalização: “a investigação científica faz[ia] parte do esforço usar as coisas de acordo com os propósitos de Deus” (TAYLOR, 2013, p. 298). Deste modo, não poderíamos sequer falar desta estreita ligação como característica de uma relação de Integração, que veremos aos moldes de Barbour (2000). Isso, não porque ciência e religião não eram integradas entre si, mas porque, por o serem de maneira tão forte, elas ainda estariam fundidas em uma categoria que não permitiria sequer a delimitação de uma relação. Retomaremos esta discussão no final do artigo.

pronunciamentos das suas respectivas lideranças religiosas.

Para encaminhar minimamente as questões **i** e **ii**, consideraremos como científicos, os discursos que, como os da WHO, são formulados a partir de resultados de pesquisas que seguem um método estrito de experimentação, com avaliação pelos pares e são abertas a serem refutadas, assim como as de Koo et al. (2020), Li et al. (2020) e Pascarella et al. (2020). Consideraremos como religiosos, o conjunto heterogêneo de discursos que se aplicam ao contexto da pandemia, mas que se baseiam em uma disposição altamente subjetiva, fundamentados na crença ou na confissão de fé do indivíduo ou do grupo religioso a que ele pertence.

3 Análise

3.1 Conflito: religião e ciência, um discurso que exclui o outro

Dos 570 participantes, 62 assumem que ciência e religião estabelecem, entre si, uma relação de Conflito. Desses 62 participantes, 25 (40,3%) se declararam ateus; 14 (22,6%) se declararam agnósticos; 11 (17,8%), católicos; 2 (3,2%), batistas; 2, (3,2%), umbandistas; 1 (1,6%), espírita/kardecista; 1 (1,6%), pagão/neopagão; 1 (1,6%), panteísta; 1 (1,6%), pentecostal; e 4 (6,5%) se declararam indefinidos.

Um primeiro ponto que devemos pontuar em nossa análise é a maioria relativa daqueles que se declaram ateus e agnósticos neste grupo, se comparado com os outros três outros grupos que acham que ciência e religião estabelecem entre si uma relação de Independência, Interação e Diálogo, apresentados adiante. Ainda que a relação de Conflito permeie apenas 10,9% do total de respostas obtidas, convém mantermos em mente esta predominância relativa, pois ela será importante para a nossa discussão.

Barbour (2000, p. 26) define a relação de Conflito entre ciência e religião como sendo aquela reforçada pela imagem popular da guerra dos discursos. Dentre os extremos deste Conflito, que são o materialismo científico e o fundamentalismo religioso, debatem entre si toda uma gradação de discursos que vão, por exemplo, desde o ateísmo (ausência de qualquer caráter religioso na natureza) até o panteísmo (a natureza é a expressão total de uma divindade imanente). Aqui, os discursos científicos e religiosos combatem entre si

pela legitimidade de suas respectivas respostas sobre problemas como, por exemplo, a causa da pandemia de COVID-19. Os seus interlocutores devem, portanto, escolher entre a ciência ou a religião enquanto visões irreconciliáveis para a explicação e lida com o mundo.

Com a seção 6 do questionário, averiguamos esta a categoria do Conflito entre religião e ciência por um mesmo domínio, tentando reconhecer se os participantes atribuem a causa da pandemia a algum fator ou agente divino/espiritual, em detrimento do discurso científico que reconhece a sua causa puramente biológica.

Do total de participantes, 72,2% discordam fortemente e parcialmente que a pandemia seja causada por algum agente divino ou espiritual. Internamente aos quatro tipos de relação, esta proporção se comporta de maneira similar. Estes dados, somados à disposição dos demais gráficos da Figura 5, apontam para o fato de que a grande maioria do total de participantes (religiosos ou não) reconhece que a causa da pandemia foge ao escopo religioso e espiritual, cabendo, portanto, ao discurso científico a autoridade sobre este âmbito. Ateus e agnósticos foram aqueles que mais caracterizaram este grupo, assumindo um discurso antirreligioso. Mas poucos religiosos assumiram um discurso anticientífico, como veremos a seguir.

Quando perguntados sobre como a religião pode ajudar no combate ao coronavírus, das 62 respostas do grupo de Conflito, apenas uma participante católica reclamou intervenção divina enquanto solução para a pandemia. Para ela, a pandemia é uma questão de ordem religiosa. Ainda segundo a participante, “Tendo fé e acreditar em Jesus Cristo Ele vai nos salvar” (*sic*) (Formulário, 395),⁴ é o modo como a sua religião pode lhe ajudar neste contexto de crise de saúde. Todos os demais participantes (34) que também declararam que a religião pode ajudá-los no contexto da pandemia, disseram que a religiosidade desempenha o papel de amparo, conforto, reflexão e suporte psicológico. Eis algumas respostas do como este amparo se dá para eles: “Mantendo a consciência e a paz interior” F. 65; “Praticar a compaixão e um estado de espírito e mental mais saudável” F. 227; “A não entrar em desespero e crer que toda essa fase vai passar” F. 457; “manter a esperança em meio ao caos.” F. 569. Neste ponto, ainda houve quem se considerasse

4 Todas as respostas discursivas serão citadas referenciando o seu respectivo número do formulário e sem nenhuma alteração, inclusive gramatical.

ateu ou agnóstico, mesmo assim reconhecesse que a “espiritualidade pode sim estar ligada ao bem-estar, principalmente psicológico, de forma que uma religião pode ajudar uma pessoa a superar esse momento de crise” (F. 309).

Quanto aos 27 que responderam que a religião **não** pode ajudar em relação à pandemia, a sua grande maioria (21) é de ateus e agnósticos. Para eles, se a presente pandemia alterou a sua relação com a religião, essa alteração se deu negativamente: “Parte dos líderes religiosos não tem o discernimento suficiente para recomendar o correto para seus fiéis” (F. 102); “Infelizmente os *lobby* religioso está forçando a quebra da quarentena para realização de cultos, o que pode por em risco toda a população do país, dado que mais de 85% da população é cristã e tem cultos em massa” (F. 118); “Fico impactada com a imprudência de alguns líderes religiosos. É inaceitável que utilizem ‘satanás’ pra explicar uma pandemia” (F. 155).

Diante de todos os dados levantados até aqui, a nossa análise poderia seguir por duas direções: se para este grupo, ciência e religião estabelecem entre si uma relação de Conflito, isso é, uma relação na qual um discurso exclui o outro quando considerado um mesmo domínio de atuação, (i) ou a pandemia não é um domínio comum para tais discursos, (ii) ou, se o for, os próprios indivíduos religiosos, inclusive, reconhecem que a religião deve ceder este espaço para a ciência, de modo que as suas próprias lideranças religiosas não se prestam como autoridades máximas neste assunto e, por conseguinte, não devem ser seguidas caso estimulem alguma prática que vá contra àquelas recomendadas pela ciência.

A segunda hipótese parece a mais plausível pois, dos 62 participantes deste grupo, 58 (93,4%) dizem preferir seguir estritamente as recomendações científicas caso este Conflito se estabeleça. Os dois participantes (3,3%, F. 161 e 207) que assinalaram a resposta: “Não tem liderança religiosa/espiritual, e não segue as recomendações científicas”, podem tê-lo feito por seguir uma outra liderança (política, por exemplo). Somente dois (3,3%, F. 253 e 395) dizem seguir a liderança religiosa, discordando fortemente que a ciência deve ser a autoridade máxima no assunto.

Nesse contexto, a relação de Conflito parece estar muito mais associada à polêmica dos pronunciamentos das lideranças religiosas contrárias às medidas de isolamento, do que

aos discursos dos indivíduos religiosos em si que, por sua vez, confessam responder à ciência. O modo pelo qual os não-religiosos e ateus têm contato com o que se passa na esfera religiosa da qual não pertencem se dá com base naqueles pronunciamentos, assimilando, com isso, apenas a faceta fundamentalista da religião e ignorando as diferenças de opiniões internas à própria comunidade religiosa, como apontou McGrath (2005). Dos 39 ateus e agnósticos, 29, 74,4%, se informam principalmente por meios de comunicação em massa, nos quais os casos mais caricatos ganham as manchetes e reforçam a imagem popular da “guerra da religião contra a ciência”, colocando-os, portanto, na defensiva: “Sendo ateu, vou buscar me proteger de acordo com as orientações da ciência, da OMS. Algumas religiões relativizam essas orientações e julgam importante recorrer às próprias religiões, o que julgo um risco” (F. 268).

3.2 Independência: ciência e religião, discursos que não se excluem, mas também não interferem um no outro

A linha que separa a relação de Conflito com a de Independência é tênue. Primeiro, porque ambas pressupõem uma dicotomia radical entre ciência e religião. Segundo, porque as diferenças é o que se enfatiza nesta dicotomia. A Independência, no entanto, parece tentar apaziguar o Conflito, de modo que, se os respectivos discursos não se tocam, eles também não necessariamente se excluem. Essa ausência de intersecção se dá, como indica Barbour (2000, p. 32), pela pressuposição de que ciência e religião devem ocupar dimensões qualitativamente distintas, responder a perguntas distintas e lidar com problemas próprios, com seus respectivos métodos e de uma maneira autônoma uma em relação a outra.

Dos 570 participantes ouvidos pelo formulário, 121 (21,2%) acham que a ciência e a religião estabelecem entre si uma relação de Independência. Desses 121, 41 (34%) se declaram católicos; 28 (23,1%) se declaram agnósticos; 19 (15,7%) ateus; 12 (10%), espíritas/kardecistas; 5 (4,1%), umbandistas; 2 (1,7%), pentecostais; 1 (0,8%), adventista; 1 (0,8%), batista; 1 (0,8%), candomblecista; 1 (0,8%), espiritualista; 1 (0,8%), pagão/neopagão; 1 (0,8%), testemunha de Jeová; 8 (6,6%) se declararam indefinidos.

Aqui, além de uma redução da porcentagem relativa de ateus e agnósticos, em

relação ao grupo anterior, podemos observar que os católicos representam boa parte de um grupo que, agora, também se torna religiosamente mais diversificado. A grande maioria do grupo (90,1%) não atribui as causas da pandemia a algum agente divino/espiritual, e absolutamente nenhum dos participantes assume a religião como a autoridade máxima nesse assunto. 97,5% concordam que a ciência desempenha este papel.

47,1% acham que a religião pode ajudar de alguma forma em meio à pandemia e os meios pelos quais isso se deve se dar são semelhantes àqueles que apareceram no grupo anterior: suporte, conforto, esperança e equilíbrio. “Manter a calma, preparo espiritual para o que está por vir” (F. 107); “Acreditando que tudo vai melhorar e que a pandemia vai nos levar a uma evolução espiritual” (F. 224); “Me mantendo equilibrada e esperançosa” (F. 342); “Psicologicamente” (F. 436); “Trazendo paz de espírito nos momentos difíceis” (F. 524).

Sob uma perspectiva de Independência, essas justificativas reforçam que o domínio da religião difere do da ciência. À ciência cabe a ajuda no âmbito caracterizado pela causa biológica da pandemia, notavelmente reconhecida pela maioria esmagadora desse grupo. Apenas 1 participante (F. 148), que disse não ter liderança religiosa nem seguir as recomendações científicas, discorda que qualquer uma delas sejam a autoridade máxima no assunto. 99,2% dizem seguir as recomendações científicas, contando com a ajuda da ciência em relação à “pesquisa de cura, métodos de prevenção mais eficazes, diminuição e até erradicação” (F. 107), “na busca pela cura e nas formas de contenção da disseminação do vírus e da doença” (F. 224), “criação de vacinas, organização de dados sobre a Covid 19 e estudos epidemiológicos” (F. 342); “com as orientações sobre os cuidados a serem tomados; análise do comportamento do vírus (como se propaga, quanto tempo vive em diferentes superfícies) etc; pesquisas sobre a ação dos medicamentos; projeções acerca dos contaminados em relação ao número de óbitos de acordo com as medidas tomadas em cada país/estado” (F. 436); e “criando medicações e vacinas contra esse vírus” (F. 524).

Essas últimas justificativas do papel da ciência na ajuda ao combate à pandemia foram retiradas dos mesmos formulários das justificativas apresentadas do papel da religião no penúltimo parágrafo, para que o leitor possa comparar e notar que os participantes delegam papéis próprios e autônomos à ciência e à religião, de acordo com os seus

respectivos domínios e funções. Esta dinâmica é precisamente o que caracteriza a relação de Independência, na esteira do que Gilkey (1985, pp. 108-116) reconhece e é sintetizado por Barbour (2000):

(1) A ciência procura explicar dados objetivos, de domínio público, reproduzíveis. A religião indaga sobre a existência de ordem e beleza no mundo e as experiências de nossa vida interior (como a culpa, a ansiedade e a falta de sentido, de um lado, e o perdão, a confiança e a completude, de outro). (2) A ciência formula perguntas objetivas sobre o “como”. A religião formula perguntas pessoais sobre o “porquê”, o sentido e a finalidade, nossa origem essencial e o nosso destino. (3) As bases da autoridade da ciência são a coerência lógica e a adequação experimental. A autoridade religiosa suprema pertence a Deus e à revelação, compreendida por meio de pessoas que receberam a iluminação e o discernimento e validada em nossa própria experiência. (4) A ciência faz previsões quantitativas que podem ser testadas experimentalmente. A religião precisa usar uma linguagem simbólica e análoga, porque Deus é transcendente [principalmente no tocante às religiões monoteístas] (BARBOUR, 2000, pp. 33-34).

3.3 Integração: ciência e religião, discursos que se incluem mutuamente

Se as relações de Conflito (10,9%) e Independência (21,2%) se pautavam em uma dicotomia radical com base, respectivamente, na desarmonia e harmonia das diferenças entre a ciência e a religião, abordaremos, agora, as relações de Integração (27,9%) e, a seguir, de Diálogo (40%) que, por sua vez, enfatizam as semelhanças entre elas. No caso da Integração, esta dicotomia chega até mesmo ser superada.

Dos 570 participantes, 159 (27,9%) acham que a que a ciência e a religião estabelecem, entre si, uma relação de Integração. Desses 159, 50 (31,5%) se declararam católicos; 29 (18,2%), espíritas/kardecistas; 14 (8,8%), batistas; 9 (5,7%), presbiterianos; 9 (5,7%), umbandistas; 8 (5,3%), pentecostais; 5 (3,1%), da Seicho-no-ie; 4 (2,5%), budistas; 4 (2,5%), luteranos; 4 (2,5%), agnósticos; 3 (1,9%), espiritualistas; 3 (1,9%), testemunhas de

Jeová; 3 (1,9%), ateus; 2, (1,4%) metodistas; 2 (1,3%), adventistas; 1 (0,7%), apostólico inclusivo; 8 (5,1%) se declararam indefinidos.

Podemos ver que a porcentagem relativa de ateus e agnósticos cai drasticamente em comparação aos dois grupos anteriores. Esse resultado é esperado uma vez que a relação de Integração pressupõe uma internalização do discurso científico ao religioso e vice-versa. Essa fusão pode ser menos problemática por parte dos indivíduos que se declaram pertencente a alguma religião do que para aqueles que não são religiosos, pois, como vimos, tendem a reforçar a distinção entre os respectivos domínios (a maior porcentagem relativa de ateus e não religiosos está no grupo do Conflito).

Alguns dos pensamentos que caracterizam a relação de Integração podem ser encontrados, por exemplo, na teologia natural, para a qual a existência da divindade pode ser deduzida por uma ordem natural que a ciência ajuda a remontar e corroborar – a natureza é uma prova da existência divina. Outra relação de Integração é colocada pela teologia da natureza, em que uma teleologia divina decorre de alguns discursos científicos acerca da criação do mundo ou da natureza do homem. Um último exemplo poderia ser encontrado na síntese sistemática, que considera a ciência e a religião como partes de uma mesma metafísica (BARBOUR, 2000, pp. 43-44).

Aceitando que ciência e religião possuem, não só o mesmo domínio de atuação, mas implicam uma na outra, no grupo que assume a Integração entre elas podemos encontrar, embora 3, os únicos participantes – do total de toda a pesquisa – que concordam fortemente que tanto a ciência quanto a religião devem ser, **ao mesmo tempo**, as autoridades máximas no assunto. Nesse grupo também podemos encontrar a maior concentração daqueles que, em uma situação de aparente contradição de discursos entre os ciência e religião, dizem seguir o líder religioso (20 participantes, 66,6%, do total de 30 em toda a pesquisa), o que, também, pode ser esperado uma vez que as contradições desaparecem quando a ciência e a religião operam sobre o mesmo domínio. Para quem assume a relação de Integração, essa questão pode até perder o sentido, uma vez que, ainda que se contradigam, seguir a liderança religiosa pode equivaler a acatar os discursos científicos, e vice-versa.

Mais uma vez, a esmagadora maioria acha que ambas (que agora se integram uma

a outra) podem ajudar no contexto da pandemia. O fato curioso é que, aqui, as justificativas também começam a se fundir. Por exemplo, respondendo acerca de como a religião pode auxiliar no contexto da pandemia, além das palavras-chave recorrentes que já apareceram anteriormente (suporte, conforto, esperança, equilíbrio, bem-estar psicológico), teremos o surgimento da expectativa de uma intervenção divina ou espiritual no processo de cura e superação, ajuda que, antes, era atribuída apenas do âmbito científico: “Busca pelo milagre” (F. 87); “Os alicerces do Espiritismo são a ciência, filosofia e religião. Isso nos dá a fé raciocinada. Portanto, o planeta está num processo de transformação necessária e como somos seres espirituais, numa jornada terrena, sabemos que tudo o que acontece está de acordo com as Leis Divinas, que foram transgredidas pelo uso errado do livre arbítrio do homem. Ação e Reação. Nunca castigo divino. Deus é amor!” (F. 295); “Trazendo respostas aos meus questionamentos do por que estamos passando por isso” (F. 300); “Fé que isso vai passar e que em TUDO há Deus” (F. 553).

Não obstante, o maior grupo dos que concordam que a pandemia é causada por algum fator ou agente divino ou espiritual está neste grupo, perfazendo 29,6%.⁵ Esta alta porcentagem é esperada, uma vez que para a relação de Integração entre Ciência e Religião, à revelia do processo de secularização, uma não está claramente separada da outra. A matéria científica é de ordem religiosa, e vice-versa. Precisamos ressaltar, no entanto, que isso não se dá necessariamente devido à desinformação científica, uma vez que somente 1 dos 47 participantes respondeu que a ciência não pode ajudar no contexto da pandemia. Todos os demais, não só responderam que sim, a ciência pode ajudar, como também discriminaram que ela o faz na procura de vacina e tratamento contra o vírus.

Temos, aqui, um dado muito interessante que exemplifica como se desenrola a relação de Integração: a causa da pandemia para esses participantes que supõem uma causa divina ou espiritual à pandemia, se dá, concomitantemente, por fatores religiosos/espirituais e biológicos. Os modos com que cada participante irá conjugar essa simultaneidade, fogem do alcance de nossa pesquisa de campo, mas poderíamos

5 As porcentagens dos que acreditam que “A atual pandemia de Coronavírus (COVID-19) é causada por algum fator divino/espiritual” nos demais grupos são: 12,5% do grupo de Conflito; 8,3% do grupo de Independência; e 11,4% do grupo de Diálogo. A porcentagem de 29,6 neste grupo de Integração é expressiva.

conjecturar que uma dessas narrativas poderia ser a de que a pandemia é causada por um vírus (causa biológica) agindo por um propósito divino, espiritual (como parece sugerir a resposta do F. 295, no parágrafo anterior).

Há, portanto, uma simbiose entre os discursos religiosos e científicos. Esse tipo de Integração, vale ressaltar, é qualitativamente distinto daquele que caracteriza o momento pré-moderno em que a ciência e a religião ainda estavam fundidas. Se na pré-modernidade, a existência de Deus, parecia inseparável das dimensões morais da vida – e Taylor (2013) mostra isso recorrendo, inclusive, aos marcos da Modernidade, como Descartes, para quem “o Deus verdadeiro proporciona a garantia necessária à [...] capacidade de raciocínio” (TAYLOR, 2013, p. 419) –, a Integração de Barbour (2013), por sua vez, pressupõe que a ciência e a religião já tenham ganhado uma certa autonomia uma em relação à outra para que possam, então, novamente se integrar uma à outra. Isto quer dizer que a Integração indicada por Barbour (2000) só é possível após a polarização entre ciência e religião através do processo moderno de secularização. Ao reconhecer que ambas se implicam mutuamente, a Integração realiza o esforço de um retorno àquela condição pré-moderna, quando ciência e religião (pelo menos com os sentidos que eles adquiriram hoje para nós) eram tão íntimas que a *relação* entre elas sequer podia ser notada ou tomada como objeto de estudo (HARISSON, 2007).

3.4 Diálogo: ciência e religião, discursos que não se incluem mutuamente, mas podem contribuir um para o outro

Menos do que um esforço para integrar novamente em uma teologia natural, em um monismo ou em um panteísmo aquilo que sofreu uma cisão secular em meados do século XIX, a relação de Diálogo irá reconhecer a dicotomia entre religião e ciência, mas ao contrário do Conflito e da Independência, enfatizará as suas semelhanças. Ainda assim, a ênfase nesses pontos em comum não será capaz de fundi-las, como acontece na Integração (BARBOUR, 2000, p. 38). O Diálogo tenta encaminhar esta dicotomia de maneira propositiva e harmônica, considerando que ciência e religião podem trabalhar juntas, ainda que em domínios diferentes, para um mesmo fim. Uma colabora com a outra.

228 participantes, dos 570, estão nesse grupo – o mais expressivo de nossa pesquisa

de campo – que acha que a ciência e a religião estabelecem entre si uma relação de Diálogo. Desses 228, 82 (35,9%) se declararam católicos; 24 (11%), espíritas/kardecistas; 19 (8,4%), batistas; 18 (7,9%), umbandistas; 17 (7,5%), agnósticos; 14 (6,1%), presbiterianos; 6 (2,6%), pentecostais; 6 (2,6%), ateus; 3 (1,3%), budistas; 3 (1,3%), espiritualistas; 2 (0,9%), testemunhas de Jeová; 2 (0,9%), da Seicho-No-Ie; 2 (0,9%), candomblecistas; 2 (0,9%), taoístas; 2 (0,9%), pagãos/neopagãos; 1 (0,4%), adventistas; 1 (0,4%), xintoísta; 23 (10,1%) se declararam indefinidos.

Aqui, a porcentagem relativa de ateus continua baixa, mas a de agnósticos volta a ser significativa, o que pode estar ligado a uma certa simpatia que estes últimos podem deter pelo pensamento metafísico. Vattimo (2016), Aubenque (2012), o próprio Heidegger (2005) por exemplo, são alguns dos pensadores que expõem a afinidade metafísica entre os paradigmas transcendental e técnico-científico. Os autores concordam que tais paradigmas não chegam a ser a mesma coisa, mas indicam que eles compartilham de algumas semelhanças estruturais herdadas através da genealogia aristotélica, agostiniana, cartesiana e reformadora.

A nossa hipótese para esta representatividade dos agnósticos é a de que eles aceitam transitar por esta *relação* de diálogo porque eles reconhecem a metafísica enquanto estrutura de pensamento que a ciência e a religião compartilham. Deste modo, não veem o discurso religioso como uma ameaça ao domínio da ciência, e vice-versa. A própria ciência se desenrola sobre o paradigma da metafísica da objetividade (VATTIMO, 2016), ao pressupor que a técnica pode aceder ao fundamento da realidade (HEIDEGGER, 2005).

Outro dado importante que pode nos ajudar a entender a relação de Diálogo é a alta porcentagem relativa dos indefinidos. A presença de participantes que se declararam não pertencer a uma religião específica indica uma certa fluidez deste grupo. A relação de Diálogo congrega a maior diversidade de categorias religiosas e não-religiosas: 18 categorias, contra 17 no de Integração, 13 no de Independência, e 10 no de Conflito.

É interessante notar como a diversidade cai quanto mais fechadas se tornam as relações. As duas categorias que ressaltam as semelhanças e a comunhão entre ciência e religião, Diálogo e Integração, são aquelas com a maior variedade religiosa. Isto nos indica que, ao contrário do que o senso comum parece assumir, os religiosos estão

muito mais abertos ao Diálogo, no que toca ao assunto da pandemia, do que os ateus e agnósticos (que figuram em maior peso na categoria de Conflito). Esses dados poderiam ser diferentes, é claro, caso a pesquisa focasse na relação entre religião e ciência tomando o aborto, a homossexualidade, o uso de drogas como objetos, e não a questão de saúde da pandemia, que envolve menos camadas ideológicas.

Considerações finais

Ao passo que fomos apresentando os resultados da pesquisa de campo, fomos discutindo como eles podem se articular entre si e com o contexto da atual pandemia de COVID-19, tomando como base a tipologia de Barbour (2000). Essa articulação nos permitiu apresentar algumas hipóteses testadas no corpo do texto a fim de que chegássemos a algumas conclusões.

A primeira é a de que o decréscimo relativo da porcentagem de ateus e agnósticos nos grupos de Conflito, Independência, Diálogo e Integração, respectivamente, sugerem uma reação defensiva dos não-religiosos em relação aos religiosos. Essa postura defensiva e, por vezes, combativa dos ateus e agnósticos deve se dar principalmente com base na polêmica envolvendo algumas lideranças religiosas negacionistas, visto que os próprios fiéis tendem a concordar e a seguir a ciência.

A nossa pesquisa deixa evidente que toda a tensão é gerada nos grupos mais fechados da tipologia quádrupla. Se de um lado, os ateus e agnósticos (Conflito) tentam delimitar uma autoridade exclusiva da ciência sobre o assunto da pandemia, de outro lado, os religiosos (Integração) fazem uma investida no sentido de explicar e se apropriar do discurso científico, colocando-o a serviço da religião.

No entanto, pelo papel que a ciência toma pelas justificativas dos participantes, vemos que há uma tendência que aponta para um relativo esclarecimento, por parte dos religiosos, da função da ciência e da sua autoridade em meio ao assunto de saúde que é a pandemia. Se cruzarmos a conclusão do parágrafo anterior com esta, veremos que a tensão entre os não religiosos (do grupo de Conflito) para com os religiosos pode sugerir um preconceito ideológico em curso, daqueles sobre os religiosos. Este preconceito

ideológico seria o de assumirem que a disseminação da ciência e da educação deveria levar inevitavelmente à descrença, à erradicação da religiosidade, à secularização.

Falando das origens do preconceito ideológico, Taylor escreve: “Seus defensores em geral simplesmente consideravam ponto pacífico que a crença religiosa é irracional [no sentido pejorativo do termo] e pouco esclarecida ou anticientífica” (TAYLOR, 2013, p. 402). No que o autor continua para indicar a falácia que esta visão implica:

Se colocarmos este preconceito de lado, poderemos lembrar quanto do desenvolvimento da ciência moderna esteve, desde os primórdios, ligado a uma perspectiva religiosa – desde as raízes do mecanicismo na teologia nominalista – e poderemos ver ainda hoje como o questionamento científico tanto pode inspirar algum tipo de devoção quanto a descrença (TAYLOR, 2013, p. 402).

Ao pensar sobre a formação da identidade moderna que, como indicamos anteriormente, se caracteriza pela dicotomização entre ciência e religião, a tese de Taylor (2013) é a de que

A secularização não surgiu somente porque as pessoas adquiriram uma educação muito mais abrangente e porque a ciência progrediu. Isso teve algum efeito, mas não foi decisivo. O que importa é que grande número de pessoas pode perceber fontes morais de um tipo bem diferente, que não pressupõem necessariamente um Deus (TAYLOR, 2013, p. 405).

No entanto, como vimos com Harisson (2007), o próprio estudo da *relação* entre ciência e religião, com a conseqüente elaboração de tipologias como a de Barbour (2000), pressupõe a secularização. É nesse sentido que, de acordo com os resultados de nossa pesquisa de campo, as categorias de Independência e de Diálogo parecem se tornar mais propositivas. Isso é, tomando a secularização como um fenômeno moderna, estas categorias parecem não reforçar aquele preconceito ideológico que diz que o religioso é um indivíduo não-esclarecido, ao assumirem que ciência e religião se recolhem cada uma à sua dimensão própria, ou, ainda a partir destas dimensões próprias, que podem, inclusive, trabalhar em harmonia para os mesmos objetivos da humanidade.

Não à toa, o Diálogo foi a categoria mais expressiva desta pesquisa, e o perfil interno das respostas indicaram que os participantes religiosos não só têm um grande reconhecimento do papel da ciência e da própria religião, em se tratando do combate da pandemia de coronavírus, como também estão dispostos a reconhecerem a autoridade científica nesta crise global de saúde.

Com essa pesquisa de campo, nossa hipótese foi confirmada no sentido de que, pelo menos em se tratando da relação entre ciência e religião no contexto brasileiro da pandemia de COVID-19, as lideranças religiosas que se colocam contra a quarentena não representam, de fato, os seus fiéis. Obviamente, isto abre toda uma outra problemática que não nos cabe responder agora, mas que levantamos enquanto convocações a futuras pesquisas: quais são os interesses que essas lideranças religiosas representam, portanto, senão os de seus fiéis?

Esperamos que os resultados apresentados e discutidos neste artigo possam servir de base e inspiração para futuros desdobramentos da Ciência da Religião Aplicada e, sobretudo, que gerem dados para o entendimento da situação, com a elaboração de medidas eficazes para o combate à pandemia de COVID-19, tanto pelas autoridades científicas, como pelas lideranças religiosas.

Referências

AUBENQUE, Pierre. *Desconstruir a metafísica?* Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

BANDEIRA, Olivia e CARRANZA, Brenda. Só o Brasil cristão salva da Covid-19. ANPOCS. Boletim Cientistas Sociais, n.33. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2347-boletim-n-33-cientistas-sociais-e-o-coronavirus>. Acesso em outubro de 2020.

BARBOUR, Ian G. *Quando a Ciência Encontra a Religião*. Trad. Paulo Salles. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projeto impede fechamento total de locais de culto mesmo

durante pandemia. Agência Câmara de Notícias. 26/05/2020. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/664479-projeto-impede-fechamento-total-de-locais-de-culto-mesmo-durante-pandemia/>. Acesso em julho de 2020.

CAMURCA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In: *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*, F. Teixeira e R. Menezes, 35-48 Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

CDC. Considerations for Communities of Faith. Centers for Disease Control and Prevention. Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/community/faith-based.html>. Acesso em setembro de 2020.

FERNANDES, Mariana. Covid-19: culto em igreja nos EUA deixa 38% dos fiéis contaminados. *Correio Braziliense*. 19/05/2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2020/05/19/interna_ciencia_saude,856513/covid-19-culto-em-igreja-nos-eua-deixa-38-dos-fieis-contaminados.shtml. Acesso em setembro de 2020.

G1., Casos de coronavírus e número de mortes no Brasil em 19 de maio. G1. 19/05/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/19/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-19-de-maio.ghtml>. Acesso em julho de 2020.

GIELOW, Igor. Maioria tem medo de coronavírus e apoia medidas de contenção, diz Datafolha. *Folha de SP*. 22/03/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/maioria-tem-medo-de-coronavirus-e-apoia-medidas-de-contencao-diz-datafolha.shtml>. Acesso em outubro de 2020.

GILKEY, L. *Creationism on trial*. Minneapolis: Winston Press, 1985.

HARRISON, Peter. “Ciência” e “Religião”: construindo os limites. *REVER*. Ano 7: 1-33, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia S. C. Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

ISTOÉ. “Tomara que morram antes de a vacina chegar”, diz padre a quem não está indo à missa por medo da Covid-19”. *IstoÉ*. 26/08/2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/08/24/padre-deseja-morte-a-fieis-que-nao-vaio-a-igreja-na-pandemia-confira-video.htm>. Acesso em agosto de 2020.

KOO, Joel; COOK, Alex; PARK, Minah et al. *Interventions to mitigate early spread of SARS-CoV-2 in Singapore: a modelling study*. The Lancet. 6 (20): 678-88, 2020.

LI, Qun, GUAN, Xuhua; WU, Peng et al. *Early transmission dynamics in Wuhan, China, of novel coronavirus-infected pneumonia*. N Engl J Med, 13 (382): 1199-1207, 2020.

MACHADO, Leandro. De cultos online a “não leia notícias sobre pandemia”: como as religiões estão lidando com o coronavírus no Brasil. BBC News Brasil. 17/03/2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51920196>. Acesso em julho de 2020.

MCGRATH, Alaister. *Fundamentos do Diálogo entre ciência e religião*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. COVID-19 no Brasil. Ministério da Saúde do Brasil. Disponível em: https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em julho de 2020.

NÉRI, Felipe. Bolsonaro inclui atividades religiosas em lista de serviços essenciais em meio ao coronavírus. G1. 26/03/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/26/bolsonaro-inclui-atividades-religiosas-em-lista-de-servicos-essenciais-em-meio-ao-coronavirus.ghtml>. Acesso em outubro de 2020.

PASCARELLA, Giuseppe; STRUMIA, Alessandro; PILIEGO, Chiara et al. COVID-19 diagnosis and management: a comprehensive review. J Intern Med.: 2 (288), 2020.

ROCHA, Camilo. A ação de Bolsonaro a favor das igrejas na pandemia. *Nexo Jornal*. 10/07/2020. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/07/10/A-a%C3%A7%C3%A3o-de-Bolsonaro-a-favor-das-igrejas-na-pandemia>. Acesso em setembro de 2020.

SILVEIRA, Emerson Sena. “CATHOLICCOVID-19” or QUO VADIS CATHOLICA ECCLESIA: the Pandemic Seen in the Catholic Institutional Field”. *International Journal of Latin American Religions*. 4: 259-287, 2020.

STENMARK, Mikael. *How to Relate Science and Religion: a multidimensional model*. Cambridge: Eerdmans, 2004.

TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. Trad. Adail U. Sobral e Dinah A. Azevedo. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

VATTIMO, Gianni. *Adeus à verdade*. Trad. de João B. Kreuch. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. COVID-19: Global literature on coronavirus disease. World Health Organization. Disponível em: <https://search.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov>. Acesso em julho de 2020.

_____. Considerations for quarantine of contacts of COVID-19 cases. World Health Organization. Disponível em: [https://www.who.int/publications/i/item/considerations-for-quarantine-of-individuals-in-the-context-of-containment-for-coronavirus-disease-\(covid-19\)](https://www.who.int/publications/i/item/considerations-for-quarantine-of-individuals-in-the-context-of-containment-for-coronavirus-disease-(covid-19)). Acesso em julho de 2020.

Anexo I

Estrutura do Formulário

O presente formulário se propõe a realizar uma pesquisa de opinião sobre o “O papel da Ciência e da Religião em meio à pandemia de Coronavírus (COVID-19)”, para fins exclusivamente acadêmicos na área de Ciência da Religião.

A Ciência da Religião é uma área do conhecimento reconhecida pela CAPES, que se propõe a estudar a pluralidade do fenômeno religioso de maneira não confessional, sem filiação política e seguindo uma metodologia estritamente acadêmica.

Visto que a religiosidade assume um protagonismo no debate sobre as medidas de contenção da pandemia, você poderá contribuir para este estudo de suma importância para o entendimento do tema no contexto brasileiro.

O preenchimento do formulário demora menos de 5 minutos e a sua eventual participação será totalmente anônima e de livre e espontânea vontade.

Ao submeter o formulário, você concorda que as suas respostas sejam utilizadas para a pesquisa, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido detalhado no seguinte link:

https://docs.google.com/document/d/1hP5Xz6swMMIYOg75fL4nKAVGWW5fBSmjWR3PHPV_6ws/edit?usp=sharing

Agradecemos muito pela sua ajuda e pela ampla divulgação do formulário.

Seção 1 – Aceite

Você aceita participar desta pesquisa? (Sim / Não)

Seção 2 – Caracterização

Qual a sua identidade de gênero? (Feminino / Masculino / Não-binário)

Qual é a sua idade? (Menor de 18 anos / de 18 a 30 anos / de 31 a 45 anos / de 46 a 60 anos / Maior de 60 anos).

Qual a sua escolaridade? (Analfabeto / Ensino Fundamental Incompleto / Ensino Fundamental Completo / Ensino Médio Incompleto / Ensino Médio Completo / Ensino Superior Incompleto / Ensino Superior Completo).

Em qual região do Brasil você mora? (Norte / Nordeste / Centro-oeste / Sudeste / Sul)

Qual a sua principal religião? (Lista com as principais religiões e espaço para que o participante pudesse inserir caso a sua não constasse na lista)

Seção 3 – Comportamento na pandemia

Qual é o seu principal meio de informação a respeito da atual pandemia de Coronavírus (COVID-19)? (Redes sociais / Artigos científicos / WhatsApp / Diretamente por jornais e revistas / Televisão / Lideranças religiosas – Igreja / Lideranças políticas / Outro).

Qual dos seguintes aspectos da sua vida você mais teme que seja prejudicado pela pandemia de Coronavírus (COVID-19)? (Econômico / Político / Saúde / Lazer / Religioso / Psicológico / A pandemia não me afeta).

Você está seguindo as medidas de isolamento social / quarentena como meio de contenção

da pandemia de Coronavírus (COVID-19)? (Muito/Moderadamente/Pouco /Não).

Seção 4 – Os papéis da ciência e da religião na pandemia, e as suas relações

Você acha que os cultos, rituais e/ou encontros religiosos em grupos presenciais devem ser suspensos como medida de contenção da pandemia de Coronavírus (COVID-19)? (Sim/ Não)

A sua religião/espiritualidade pode te ajudar em meio à pandemia de Coronavírus (COVID-19)? (Sim / Não)

Se sim, como a sua religião / espiritualidade pode te ajudar? (Discursiva)

A ciência pode te ajudar em meio à pandemia de Coronavírus (COVID-19)? (Sim / Não)

Se sim, como a ciência pode te ajudar? (Discursiva)

No contexto da pandemia, suponhamos que a sua liderança religiosa/espiritual estimule alguma prática que vá contra aquelas recomendadas pela ciência. Você: (Segue a liderança religiosa. / Segue a ciência. / Não tem liderança religiosa/espiritual, mas segue as recomendações científicas. / Não tem liderança religiosa/espiritual, e não segue as recomendações científicas).

Você acha que a Ciência e a Religião estabelecem, entre si, uma relação de: (Conflito - uma exclui a outra / Independência - não se excluem, mas uma não contribui para a outra / Diálogo - não se incluem, mas uma contribui para a outra / Integração - uma inclui a outra).

Seção 5 – Como as relações entre ciência e religião pode alterar os seus papéis no contexto da pandemia:

A presente pandemia de Coronavírus (COVID-19) alterou a sua relação com a religião/espiritualidade? (Sim, positivamente / Sim, negativamente / Não).

Se sim, como? (Discursiva)

A presente pandemia de Coronavírus (COVID-19) alterou a sua relação com a ciência?

(Sim, positivamente / Sim, negativamente / Não).

Se sim, como? (*Discursiva*)

Seção 6 – Qual a expectativa dos participantes em relação aos discursos científico e religioso frente à pandemia. (Afirmações frente às quais os participantes devem escolher uma alternativa entre 1 e 5, em que 1 é “discordo fortemente”, 3 é neutro, e 5, “concordo fortemente”).

A atual pandemia de Coronavírus (COVID-19) é causada por algum fator divino/espiritual.

No contexto da pandemia, as lideranças religiosas/espirituais DEVEM interferir em decisões de saúde pública tomadas com base em resultados científicos e que vão contra a sua fé.

No contexto do combate à atual pandemia, a religião deve ser a autoridade máxima no assunto.

No contexto do combate à atual pandemia, a ciência deve ser a autoridade máxima no assunto.

A religião desempenha um papel importante no combate à pandemia de Coronavírus (COVID-19).

A ciência desempenha um papel importante no combate à pandemia de Coronavírus (COVID-19)

De um modo geral, esta pandemia de Coronavírus tem suscitado entre as pessoas um comportamento mais solidário do que egoísta.

Submetido em: 22 mar. 2021.

Aprovado em: 26 jun. 2021.